

livro

Abracaldabra: Uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação

MATTOS, Yára (com Ione Mattos). **Abracaldabra: Uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação**. Ouro Preto: Editora UFOP; 2010.

Ana Paula de Paula Loures de Oliveira*

Durante muito tempo a Museologia foi tratada como a ciência dos museus, comprometida quase que exclusivamente com o exame das práticas desenvolvidas no interior dessas instituições. A partir da década de 1970 e mais especificamente, 1980, com a ampliação do conceito de museu e de patrimônio, esse paradigma passou a ser questionado pelos estudiosos da área. Ganhou espaço a concepção de Museologia como a ciência social que estuda os objetos de museu como fonte de conhecimento, ao mesmo tempo em que começaram a ser sinalizadas as potencialidades dos acervos museológicos em oferecer uma leitura crítica mundo.

É no âmbito dessa percepção de museu como espaço dinâmico e transformador que o livro "Abracaldabra – Uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação" pode ser situado. Trata-se de trabalho dedicado a apresentar para museólogos, professores e educadores novos direcionamentos no tocante as relações estabelecidas entre museu e educação. A obra é na verdade a adaptação de tese de doutoramento defendida por Yara Mattos, junto ao Programa Internacional da UFOP/Universidade Federal de Ouro Preto, em convênio com o ICCP/Instituto Central de Ciências Pedagógicas/La Habana/Cuba.

O livro que conta, ainda, com a participação de Ione Mattos é o resultado concreto das reflexões conduzidas por Yara ao longo de sua trajetória profissional. Do encontro de Yara, museóloga-educadora, com Ione, socióloga com interesse na neurociência social e pedagógica, emerge a preocupação em abordar os vínculos entre memória, sentido e significado no âmbito dos espaços museais. Nesse contexto, Educação e Museologia são

vistas pelas autoras como espaços efetivos de poder e de construção de identidades pessoais e sociais.

Dividida em quatro partes, a obra transita da esfera teórica para a empírica. Na Parte I, em uma perspectiva diacrônica, são reveladas as origens do pensamento museológico, evidenciando as suas implicações pedagógicas, desde a Antiguidade Clássica, passando pelo pensamento Iluminista dos séculos XV e XVI até chegar ao século XIX, época considerada a era de ouro dos museus. A partir desse momento, o foco da análise é afinado, de modo que são tecidas considerações acerca do surgimento dos museus no Brasil. Na oportunidade, são destacadas as peculiaridades do sistema de ensino que se constituiu desde a época colonial, salientando a concepção de História que aqui se fundamentou, de caráter factual e feita para celebrar grandes personalidades.

Esse panorama geral permite ao leitor o melhor entendimento da segunda parte do livro, onde são descritos os antecedentes da interface entre escolas e museus. Nes-

*Professora Doutora, Departamento de Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto.

se exercício, as transformações verificadas no sistema educacional brasileiro e no incipiente pensamento museológico são, a todo o momento, relacionadas a contextos políticos e sociais mais amplos, o que possibilita visualizar os processos históricos responsáveis por formatar os conceitos de museus, história e ensino de História.

Na Parte 3, a ideia de museu como espaço dinâmico com potencialidades no que tange o ensino de História ganha corpo a partir da exposição da pesquisa de Yara em Ouro Preto, mais especificamente no Museu da Inconfidência. A empreitada teve como objetivo geral avaliar as estratégias empregadas na utilização do potencial pedagógico das coleções expostas, principalmente para adolescentes entre 13 e 19 anos. O trabalho, realizado juntamente com docentes, funcionários do museu e estudantes, provenientes de contextos socioculturais diferentes, além de demonstrar a eficácia das ações adotadas, revelou a viabilidade de uma conexão mais efetiva entre o Museu e a sala de aula.

Por fim, a Parte 4 se dedi-

ca a discutir o redimensionamento da noção de Museu a partir das proposições da Nova Museologia. É nesse contexto que emerge o conceito de ecomuseu, que no âmbito das preocupações acerca das funções políticas e sociais dos espaços museais, pressupõe musealização de territórios, concebidos como espaços vividos imbuídos de significados históricos e locus de memórias e identidades.

Sob essa perspectiva, é apresentada a proposta de Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, que tem buscado estabelecer vínculos entre território e “acontecer histórico local”. O projeto, implantando nos morros da Queimada, São João, Santana, Piedade e São Sebastião, paisagem que conta com os testemunhos materiais da exploração aurífera nas Minas Gerais na época colonial, visa a valorização e preservação de um patrimônio que vem sendo solapado ao longo dos anos tanto pelo poder público quanto por parte da população.

Ao final do livro, é impossível não remeter ao significado do vocábulo que batiza a obra, “Abracaldabra”, oriundo da poesia-valise do autor e artista plástico mineiro Guilherme Mansur. Trata-se da junção de “Abracadabra”, usada para proferir encantamentos, com os termos “Aldraba” ou “Aldrava”, utilizado para se referir a tranca de metal, que permite abrir e fechar uma porta. No texto, “Abracaldabra” emerge como o termo mágico - representado pelo reconhecimento da função social dos museus e do seu papel em oferecer aos sujeitos diversas interpretações de mundo - capaz de destrancar as portas que compartimentam educação, ensino de história e museus em lugares estanques.